

GEORGE R. R. MARTIN

DAENERYS

A MÃE DOS DRAGÕES



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

O irmão ergueu o vestido para que ela o inspecionasse.

— Isto é beleza. Toca-lhe. Vá lá. Acaricia o tecido.

Dany tocou-lhe. O tecido era tão macio que parecia correr-lhe pelos dedos como água. Não se conseguia lembrar de alguma vez ter usado algo tão suave. Assustou-a. Afastou a mão.

— É mesmo meu?

— Um presente do Magíster Illyrio — disse Viserys, sorrindo. O irmão estava de bom humor naquela noite. — A cor realçará o violeta dos teus olhos. E também terás ouro e jóias de todos os tipos. Illyrio prometeu-o. Esta noite deves parecer uma princesa.

Uma princesa, pensou Dany. Já esquecera como isso era. Talvez nunca tivesse realmente sabido.

— Porque nos dá ele tanto? — perguntou. — O que quer de nós? — Há quase meio ano que viviam na casa do magíster, comiam da sua comida, eram apaparicados pelos seus criados. Dany tinha treze anos, idade suficiente para saber que tais presentes raramente vêm sem preço, ali na cidade livre de Pentos.

— Illyrio não é nenhum tolo — disse Viserys. Era um jovem magro com mãos nervosas e um ar febril nos seus olhos de um tom claro de lilás. — O magíster sabe que não esquecerei os amigos quando subir ao trono.

Dany nada disse. O Magíster Illyrio era um comerciante de especiarias, pedras preciosas, ossos de dragão e outras coisas menos palatáveis. Tinha amigos em todas as Nove Cidades Livres, dizia-se, e mesmo para lá delas, em Vaes Dothrak e nas terras das fábulas junto ao Mar de Jade. Também se dizia que nunca tinha tido um amigo que não fosse capaz de vender alegremente pelo preço justo. Dany escutava o falatório nas ruas, e ouvia estas coisas, mas também sabia que era melhor não questionar o irmão quando ele tecia as suas teias de sonho. Quando era despertada, a ira de Viserys era algo de terrível. Ele chamava-lhe “o acordar do dragão”.

O irmão pendurou o vestido ao lado da porta.

— Illyrio vai enviar as escravas para te darem banho. Assegura-te de que te vês livre do fedor dos estábulos. Khal Drogo tem mil cavalos e hoje vem à procura de um tipo diferente de montada. — Estudou-a criticamente. — Ainda entortas as costas. Endireita-te. — Pôs-lhe as mãos nos ombros e puxou-os para trás. — Deixa-os ver que tens agora a forma de uma mu-

lher. — Os dedos do irmão roçaram levemente nos seus seios em botão e apertaram-se num mamilo. — Não me falharás esta noite. Se o fizeres, será mau para ti. Não queres acordar o dragão, pois não? — Os dedos torceram-se, um beliscão cruel e duro através do tecido grosseiro da túnica. — Pois não? — repetiu.

— Não — disse Dany docilmente.

O irmão sorriu.

— Ótimo. — Tocou-lhe o cabelo, quase com afeição. — Quando es- creverem a história do meu reinado, minha doce irmã, dirão que começou esta noite.

Quando ele saiu, Dany foi até à janela e olhou, melancólica, as águas da baía. As torres quadradas de tijolo de Pentos eram silhuetas negras deli- neadas contra o sol poente. Dany conseguia ouvir os sacerdotes vermelhos a cantar enquanto acendiam as piras nocturnas e os gritos de crianças esfar- rapadas que jogavam para lá dos muros da propriedade. Por um momento, desejou poder estar lá fora com elas, de pés nus, sem fôlego e vestida de farrapos, sem passado nem futuro, nem um banquete a que ir na mansão de Khal Drogo.

Alguns para lá do sol-posto, do outro lado do estreito mar, havia uma terra de colinas verdes e planícies cobertas de flores e grandes rios caudalosos, onde torres de pedra negra se erguiam por entre magníficas montanhas azuis-acinzentadas, e cavaleiros de armadura cavalgavam para a batalha sob os estandartes dos seus senhores. Os Dothraki chamavam a essa terra Rhaesh Andahli, a terra dos ándalos. Nas Cidades Livres, falavam de Westeros e dos Reinos do Poente. O seu irmão tinha um nome mais simples. Chamava-lhe “a nossa terra”. Para ele, as palavras eram como uma prece. Se as dissesse as vezes suficientes, os deuses certamente ouviriam. “É nosso o direito de sangue, usurpado por meios traiçoeiros. Não se rouba um dragão, oh, não. O dragão recorda”.

E o dragão talvez recordasse mesmo, mas Dany não. Nunca vira aquela terra que o irmão dizia que lhes pertencia, este domínio para lá do estreito mar. Aqueles lugares de que falava, Rochedo Casterly e o Ninho de Águia, Jardim de Cima e o Vale de Arryn, Dorne e a Ilha das Caras, para ela eram apenas palavras. Viserys fora um rapaz de oito anos quando fugiram de Porto Real para escapar ao avanço dos exércitos do Usurpador, mas Da- enerys não passara de uma partícula de vida no ventre da mãe.

Mesmo assim, por vezes, Dany conseguia visualizar os acontecimen- tos, tantas tinham sido as ocasiões em que ouvira o irmão contar as histó- rias. A fuga a meio da noite para Pedra do Dragão, com o luar a cintilar nas velas negras do navio. O seu irmão, Rhaegar, a dar batalha ao Usurpador nas águas sangrentas do Tridente e a morrer pela mulher que amava. O

saque de Porto Real por aqueles a quem Viserys chamava os cães do Usurpador, os senhores Lannister e Stark. A princesa Elia de Dorne a suplicar por misericórdia quando o herdeiro de Rhaegar lhe fora arrancado do seio e assassinado perante os seus olhos. Os crânios polidos dos últimos dragões a olharem sem ver do alto das paredes da sala do trono quando o Regicida abriu a garganta do Pai com uma espada dourada.

Nascera em Pedra do Dragão quatro luas depois da fuga, durante a fúria de uma tempestade de Verão que ameaçava destroçar a estabilidade da ilha. Diziam que aquela tempestade fora terrível. A frota Targaryen foi esmagada enquanto estava ancorada e enormes blocos de pedra foram arrancados aos parapeitos e precipitados sobre as águas encapeladas do mar estreito. A sua mãe morrera ao dá-la à luz, e por esse facto o irmão Viserys nunca lhe perdoara.

Tampouco se lembrava de Pedra do Dragão. Tinham fugido de novo, imediatamente antes de o irmão do Usurpador se ter feito ao mar com a sua nova frota. Por essa altura, dos Sete Reinos que tinham pertencido aos seus, apenas restava Pedra do Dragão, a antiga sede da sua Casa. Mas não por muito tempo. A guarnição estava preparada para os vender ao Usurpador, mas, uma noite, Sor Willem Darry e quatro homens leais introduziram-se no quarto das crianças, raptaram-nos a ambos e à sua ama-de-leite, e fizeram-se ao mar a coberto da noite em busca da segurança da costa bravosiana.

Lembrava-se vagamente de Sor Willem, um homem que mais parecia um grande urso cinzento, meio cego, a rugir e a berrar ordens a partir da sua cama de doente. Os criados tinham vivido aterrorizados por ele, mas sempre fora bondoso para Dany. Chamava-lhe “pequena princesa” e por vezes “minha senhora”, e as suas mãos eram suaves como couro velho. Mas nunca deixava a cama, e o cheiro da doença agarrava-se-lhe de dia e de noite, um odor quente, húmido, de uma doçura doentia. Nessa altura viviam em Bravos, na casa grande de porta vermelha. Dany tinha aí o seu próprio quarto, com um limoeiro junto à janela. Depois da morte de Sor Willem, os criados roubaram o pouco dinheiro que lhes restava e em breve foram postos fora da casa grande. Dany chorara quando a porta vermelha se fechara nas suas costas para sempre.

Desde essa altura, tinham andado de um lado para o outro, de Bravos para Myr, de Myr para Tyrosh e daí para Qohor, Volantis e Lys, sem nunca ficarem muito tempo no mesmo lugar. O irmão não o permitia. Insistia que os traidores contratados pelo Usurpador vinham atrás deles, perto, embora Dany nunca tivesse visto nenhum.

A princípio, os magísteres, arcontes e príncipes mercadores tinham-se sentido felizes por dar as boas-vindas aos últimos Targaryen às suas

casas e mesas, mas à medida que os anos foram passando e o Usurpador continuou sentado no Trono de Ferro, as portas foram-se fechando e as suas vidas tornaram-se mais pobres. Anos antes, tinham-se visto forçados a vender os últimos tesouros, e agora até o dinheiro que tinham obtido pela coroa da Mãe desaparecera. Nas vielas e tabernas de Pentos, chamavam ao seu irmão “rei pedinte”. Dany não queria saber o que lhe chamavam a si.

— Um dia teremos tudo de volta, minha doce irmã — prometia-lhe Viserys. Às vezes as mãos tremiam-lhe quando falava daquilo. — As jóias e as sedas, Pedra do Dragão e Porto Real, o Trono de Ferro e os Sete Reinos, tudo o que nos roubaram, teremos tudo de volta. — Ele vivia para esse dia. Tudo o que Daenerys queria de volta era a grande casa da porta vermelha com o limoeiro em frente da janela do seu quarto, a infância que nunca conhecera.

Ouviu-se um suave toque na porta.

— Entre — disse Dany, virando as costas à janela. As criadas de Illyrio entraram com vênias e começaram a tratar das suas tarefas. Eram escravas, um presente de um dos muitos amigos dothraki do magíster. A escravatura não existia na cidade livre de Pentos. E, no entanto, elas eram escravas. A mulher mais velha, pequena e cinzenta como um rato, nunca dizia uma palavra, mas a rapariga compensava. Era a favorita de Illyrio, uma jovem de dezasseis anos com cabelo claro e olhos azuis que tagarelava sem cessar enquanto trabalhava.

Encheram-lhe a banheira com água quente trazida da cozinha e perfumaram-na com óleos odoríferos. A rapariga puxou a túnica de algodão grosseiro pela cabeça de Dany e ajudou-a a entrar na banheira. A água es-caldava, mas Daenerys não hesitou nem gritou. Gostava do calor. Fazia-a sentir-se limpa. Além disso, o irmão dissera-lhe com frequência que nunca nada estava quente de mais para um Targaryen. “A nossa é a Casa do dragão”, dizia. “O fogo está-nos no sangue.”

A mulher mais velha lavou o seu longo cabelo esbranquiçado, e removeu suavemente os nós com uma escova, sempre em silêncio. A rapariga esfregou-lhe as costas e os pés e disse-lhe como tinha sorte.

— Drogo é tão rico que até os seus escravos usam colares de ouro. O seu khalasar tem cem mil cavaleiros, e o seu palácio em Vaes Dothrak tem duzentos quartos e portas de prata sólida. — E houve mais do mesmo género, muito mais, como o khal era um homem bonito, como era alto e feroz, destemido em batalha, o melhor cavaleiro que alguma vez montara um cavalo, um arqueiro demoníaco. Daenerys nada disse. Sempre assumira que se casaria com Viserys quando chegasse à idade adulta. Durante séculos, os Targaryen tinham-se casado irmão com irmã, desde que Aegon o Conquistador tomara as irmãs como noivas. Viserys dissera-lhe mil vezes que a

pureza da linhagem devia ser mantida, que o sangue real era deles, o sangue dourado da antiga Valíria, o sangue do dragão. Os dragões não acasalavam com os animais dos campos, e os Targaryen não misturavam o seu sangue com o de homens menores. E, no entanto, agora Valerys conspirava para a vender a um estranho, a um bárbaro.

Quando ficou limpa, as escravas ajudaram-na a sair da água e secaram-na com toalhas. A rapariga escovou-lhe o cabelo até o pôr a brilhar como prata derretida, enquanto a mulher mais velha a untava com o perfume de flores de especiarias das planícies dothrakianas, um salpico em cada pulso, atrás das orelhas, na ponta dos seios, e um último, fresco nos lábios, em baixo entre as pernas. Vestiram-lhe a roupa de baixo que o Magíster Illyrio lhe enviara e depois o vestido, de seda, com um profundo tom de ameixa para realçar o violeta dos seus olhos. A rapariga enfiou-lhe as sandálias douradas nos pés enquanto a mulher mais velha lhe fixava a tiara no cabelo e fazia deslizar pulseiras douradas incrustadas de ametistas para os seus pulsos. O último adorno foi o colar, um pesado cordão de ouro torcido ornado com antigos glifos valirianos.

— Agora sim, pareceis uma princesa — disse a rapariga, sem fôlego, quando terminaram. Dany olhou de relance para a sua imagem no espelho prateado que Illyrio tão providentemente lhe fornecera. Uma princesa, pensou, mas lembrou-se do que a rapariga dissera, de como Khal Drogo era tão rico que até os seus escravos usavam colares de ouro. Sentiu um súbito arrepio, e a pele de galinha eriçou-se nos seus braços nus.

O irmão esperava-a na frescura do átrio, sentado na margem da fonte, a arrastar a mão pela água. Pôs-se em pé quando ela surgiu e observou-a com olhos críticos.

— Põe-te aqui — disse. — Vira-te. Sim. Ótimo. Tens um ar...

— Real — disse o Magíster Illyrio, entrando por uma arcada. Movia-se com uma delicadeza surpreendente num homem tão corpulento. Sob vestimentas soltas de seda cor de fogo, rolos de gordura oscilavam enquanto ele caminhava. Pedras preciosas cintilavam em todos os dedos e o seu criado oleara-lhe a barba amarela bifurcada até brilhar como ouro verdadeiro. — Que o Senhor da Luz vos banhe em bênçãos neste tão afortunado dia, Princesa Daenerys — disse o magíster quando lhe tomou a mão. Inclinou a cabeça, mostrando um fino relance de dentes amarelos e tortos através do dourado da barba. — Ela é uma visão, Vossa Graça, uma visão — disse, dirigindo-se a Valerys. — Drogo ficará arrebatado.

— É magra de mais — disse Viserys. O seu cabelo, do mesmo tom louro prateado do dela, tinha sido puxado para trás e bem atado com um pregador de osso de dragão. Era um visual severo que dava ênfase às linhas duras e magras do seu rosto. Pousou a mão no punho da espada que Illyrio

lhe emprestara e disse: — Tendes a certeza de que Khal Drogo gosta das suas mulheres assim tão novas?

— Ela já teve o seu sangue. Tem idade suficiente para o khal — respondeu Illyrio, e já não era a primeira vez que o dizia. — Olhai para ela. Aquele cabelo louro prateado, aqueles olhos púrpura... ela é do sangue da antiga Valéria, sem dúvida, sem dúvida... e bem nascida, filha do antigo rei, irmã do novo, não é possível que não arrebate o nosso Drogo. — Quando Illyrio lhe largou a mão, Daenerys deu por si a tremer.

— Suponho que sim — disse o irmão em tom duvidoso. — Os selvagens têm gostos estranhos. Rapazes, cavalos, ovelhas...

— É melhor não sugerir isso a Khal Drogo — disse Illyrio.

A ira flamejou nos olhos lilás de Valerys.

— Tomais-me por um tolo?

O magíster fez uma ligeira vénia.

— Tomo-vos por um rei. Aos reis falta a cautela dos homens vulgares. As minhas desculpas se vos ofendi. — Virou-se e bateu palmas para chamar os carregadores.

As ruas de Pentos estavam escuras como breu quando saíram no palanquim elaboradamente esculpido de Illyrio. Dois criados iam à frente para lhes alumiar o caminho, transportando ornamentadas lanternas a óleo com vidraças de um vidro azul claro, e uma dúzia de homens fortes levavam os paus aos ombros. O espaço lá dentro, por trás das cortinas, era quente e apertado. Dany conseguia sentir o fedor da carne pálida de Illyrio sob os seus pesados perfumes.

O irmão, escarrapachado em almofadas a seu lado, nada notava. A sua mente estava longe, do outro lado do mar estreito.

— Não necessitaremos de todo o seu khalasar — disse Viserys. Os seus dedos brincavam no punho da lâmina emprestada, embora Dany soubesse que ele nunca usara uma espada a sério. — Dez mil serão suficientes, posso varrer os Sete Reinos com dez mil guerreiros dothraki. O domínio erguer-se-á em nome do seu rei de direito. Tyrell, Redwyne, Darry, Greyjoy não sentem mais amor pelo Usurpador do que eu. Os homens de Dorne ardem pela possibilidade de vingar Elia e os seus filhos. E as pessoas simples estarão connosco. Elas choram pelo seu rei. — Olhou ansioso para Illyrio. — Choram, não é verdade?

— São o vosso povo, e amam-vos bastante — disse amavelmente o Magíster Illyrio. — Em povoados por todo o território, os homens fazem brindes secretos à vossa saúde enquanto as mulheres cosem estandartes do dragão e escondem-nos até ao dia do vosso regresso do outro lado das águas. — Encolheu os maciços ombros. — Ou pelo menos é o que me dizem os meus agentes.

Dany não tinha agentes, nenhuma maneira de saber o que alguém estaria a fazer ou a pensar do outro lado do mar estreito, mas desconfiava das palavras doces de Illyrio do mesmo modo que desconfiava de tudo o que dizia respeito ao homem. Mas o irmão acenava com ardor.

— Matarei eu próprio o Usurpador — prometeu, ele que nunca mata-
ra ninguém —, tal como ele matou o meu irmão Rhaegar. E também Lan-
nister, o Regicida, pelo que fez ao meu pai.

— Isso será muito adequado — disse o Magíster Illyrio. Dany viu a
minúscula sugestão de sorriso que brincava nos lábios cheios do homem,
mas o irmão não reparou em nada. Acenando, ele afastou uma cortina e
perdeu o olhar na noite, e Dany soube que estava a lutar de novo a Batalha
do Tridente.

A mansão de nove torres de Khal Drogo erguia-se junto às águas
da baía, com hera de tons claros a cobrir os seus grandes muros de tijolo.
Tinha sido oferecida ao khal pelos magísteres de Pentos, disse-lhes
Illyrio. As Cidades Livres eram sempre generosas com os senhores dos
cavalos.

— Não é que tenhamos esses bárbaros — explicava Illyrio com um
sorriso. — O Senhor da Luz poderia defender as nossas muralhas contra
um milhão de dothraki, ou pelo menos é isso que prometem os sacerdotes
vermelhos... mas para quê correr riscos quando a sua amizade sai tão ba-
rata?

O palanquim em que seguiam foi parado ao portão e as cortinas pu-
xadas rudemente para trás por um dos guardas da casa. Possuía a pele aco-
breada e os olhos escuros e amendoados de um dothraki, mas tinha o rosto
livre de pêlos e usava o capacete guarnecido de espigões dos Imaculados.
Avaliou-os friamente. O Magíster Illyrio rosnou-lhe qualquer coisa no rude
idioma dothraki; o guarda respondeu-lhe no mesmo tom e deu-lhes passa-
gem com um gesto através dos portões.

Dany reparou que a mão do irmão estava cerrada com força no pu-
nho da sua espada emprestada. Parecia quase tão assustado como ela se
sentia.

— Eunuco insolente — murmurou Viserys enquanto o palanquim
subia aos balanços até à mansão.

As palavras do Magíster Illyrio eram mel.

— Esta noite estarão muitos homens importantes no banquete. Ho-
mens assim têm inimigos. O khal deve proteger os seus convidados, vós
acima de todos, Vossa Graça. Não há dúvidas de que o Usurpador pagaria
bem pela vossa cabeça.

— Oh, sim — disse sombriamente Viserys. — Ele tentou, Illyrio, asse-
guro-vos disso. Os seus traidores contratados seguem-nos para todo o lado.

Sou o último dragão, e ele não dormirá descansado enquanto eu viver.

O palanquim abrandou e parou. As cortinas foram puxadas e um escravo ofereceu uma mão para ajudar Daenerys a sair. O seu colar, reparou ela, era de bronze comum. O irmão seguiu-a, com uma das mãos ainda cerrada com força no punho da espada. Foram precisos dois homens fortes para pôr de novo o Magíster Illyrio de pé.

Dentro da mansão, o ar estava pesado com o cheiro de especiarias, noz de fogo, limão doce e canela. Foram levados através do átrio, onde um mosaico de vidro colorido retratava a Destruição de Valéria. Óleo ardia em lanternas negras de ferro dispostas ao longo das paredes. Sob uma arcada composta por folhas de pedra interligadas, um eunuco cantou a sua chegada:

— Viserys da Casa Targaryen, o Terceiro de seu Nome — gritou numa voz doce e aguda —, Rei dos Ándalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Rei dos Sete Reinos e Protector do Território. Sua irmã, Daenerys, Filha da Tormenta, princesa de Pedra do Dragão. O seu honorável anfitrião, Illyrio Mopatis, Magíster da Cidade Livre de Pentos.

Passaram pelo eunuco e entraram num pátio orlado de pilares cobertos de hera clara. O luar pintava as folhas em tons de osso e prata enquanto os convidados vagueavam por entre elas. Muitos eram senhores dos cavalos dothraki, grandes homens de pele vermelha acastanhada, com os bigodes pendentes presos por anéis de metal, e o cabelo negro oleado, entrançado e atado a campainhas. Mas por entre eles moviam-se sicários e mercenários de Pentos, Myr e Tyrosh, um sacerdote vermelho ainda mais gordo do que Illyrio, homens peludos vindos do Porto de Ibben, e senhores das Ilhas do Verão com a pele negra como ébano. Daenerys olhou-os a todos maravilhada... e compreendeu, com um súbito sobressalto de medo, que era a única mulher ali presente.

Illyrio sussurrou-lhes:

— Aqueles três são os companheiros de sangue de Drogo, ali — disse. — Junto ao pilar está Khal Moro com o filho Rhogoro. O homem de barba verde é irmão do Arconte de Tyrosh, e o homem que está atrás dele é Sor Jorah Mormont.

O último nome capturou a atenção de Daenerys.

— Um cavaleiro?

— Nem mais, nem menos. — Illyrio fez um sorriso sob a barba. — Ungido com os sete óleos pelo próprio Alto Septão.

— Que faz ele aqui? — disse ela.

— O Usurpador quis vê-lo morto — disse-lhes Illyrio. — Uma afrontazinha qualquer. Vendeu alguns caçadores furtivos a um negociante de escravos de Tyrosh em vez de os entregar à Patrulha da Noite. Uma lei ab-

surda. Um homem deve ser autorizado a fazer o que bem entenda com os seus bens.

— Quererei falar com Sor Jorah antes do fim da noite — disse Viserys. Dany deu por si a olhar com curiosidade o cavaleiro. Era um homem velho, com mais de quarenta anos e a perder o cabelo, mas mantinha-se forte e em forma. Em vez de sedas e algodão, trajava de lã e de couro. A sua túnica era verde escura, bordada com a imagem de um urso negro em pé sobre duas patas.

Ainda observava aquele estranho homem vindo da pátria que nunca conhecera quando o Magíster Illyrio colocou uma mão húmida no seu ombro nu.

— Ali, doce princesa — sussurrou — está o próprio khal.

Dany quis fugir e esconder-se, mas o irmão estava a observá-la e sabia que se lhe desagradasse, acordaria o dragão. Ansiosa, virou-se e olhou o homem que Viserys esperava que pedisse para desposá-la antes de a noite acabar.

A jovem escrava não se enganara muito, pensou. Khal Drogo era uma cabeça mais alto do que o mais alto dos presentes na sala, mas de certo modo leve de pés, tão gracioso como a pantera que havia na colecção de Illyrio. Era mais novo do que ela pensara, não teria mais de trinta anos. A sua pele era da cor de cobre polido, e o seu espesso bigode estava preso com anéis de ouro e bronze.

— Devo ir fazer as minhas apresentações — disse o Magíster Illyrio. — Esperai aqui. Trá-lo-ei até vós.

O irmão tomou-lhe o braço quando Illyrio se dirigiu, bamboleante, até junto do khal, e os seus dedos apertaram-na com tanta força que a magoaram.

— Vês a sua trança, querida irmã?

A trança de Drogo era negra como a meia-noite, pesada de óleo perfumado e repleta de minúsculas campainhas que tiniam suavemente quando ele se movia. Chegava-lhe bem abaixo do cinto, até mesmo abaixo das nádegas; a ponta roçava-lhe na parte de trás das coxas.

— Vês como é longa? — disse Viserys. — Quando os dothraki são derrotados em combate, cortam as tranças em desgraça para que o mundo saiba da sua vergonha. Khal Drogo nunca perdeu um combate. É Aegon, o Senhor do Dragão, regressado, e tu serás a sua rainha.

Dany olhou Khal Drogo. O seu rosto era duro e cruel, os seus olhos tão frios e escuros como ónix. O irmão magoava-a por vezes, quando acordava o dragão, mas não a assustava como aquele homem o fazia.

— Não quero ser sua rainha — ouviu a sua voz dizer num tom fraco e agudo. — Por favor, por favor, Viserys, não quero. Quero ir para casa.

— Para casa? — Ele manteve a voz baixa, mas ela conseguia ouvir a fúria na entoação. — Como havemos de ir para casa, minha doce irmã? Eles roubaram-nos a casa! — Levou-a para as sombras, para fora de vista, com os dedos a enterrar-se na sua pele. — Como havemos de ir para casa? — repetiu, referindo-se a Porto Real, e a Pedra do Dragão e a todo o território que tinham perdido.

Dany quisera apenas falar dos seus quartos na propriedade de Illyrio, que certamente não seria uma casa verdadeira mas era tudo o que possuíam, mas o irmão não quisera ouvir isso. Ali não havia para ele uma casa. Mesmo a casa grande com a porta vermelha não fora uma casa para ele. Os seus dedos enterravam-se com força no braço dela, exigindo uma resposta.

— Não sei... — disse por fim, com a voz a perder firmeza. Lágrimas jorraram-lhe dos olhos.

— Mas eu sei — disse ele com voz cortante. — Vamos para casa com um exército, minha doce irmã. Com o exército de Khal Drogo, eis como vamos para casa. E se para isso tiveres de casar-te com ele e com ele dormir, fá-lo-ás. — Sorriu-lhe. — Deixaria que todo o seu khalasar te fodesse se fosse preciso, minha doce irmã, todos os quarenta mil homens e também os seus cavalos, se isso fosse necessário para obter o meu exército. Fica grata que seja só o Drogo. Com o tempo, podes até aprender a gostar dele. Agora seca os olhos. Illyrio está a trazê-lo para cá, e ele não vai ver-te chorar.

Dany virou-se e viu que era verdade. O Magíster Illyrio, todo sorrisos e vénias, escoltava Khal Drogo em direcção ao sítio onde eles se encontravam. Afastou com as costas da mão as lágrimas que não tinham saído dos seus olhos.

— Sorri — murmurou Viserys nervosamente, com a mão a cair sobre o punho da espada. — E põe-te direita. Deixa que ele veja que tens seios. Bem sabem os deuses que os tens bem pequenos.

Daenerys sorriu e pôs-se direita.